



A IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM PARA OS DIAS ATUAIS

THE IMPORTANCE OF PHILOSOPHY OF LANGUAGE FOR THE PRESENT DAY

BORGES, Ricardo de Moura¹

RESUMO

O presente artigo traça um panorama sobre a importância da filosofia da linguagem para os dias atuais, apontando alguns traços característicos para a produção do discurso, entendendo ser o discurso direcionado para um determinado público específico, o que faz com que o orador muna-se de ferramentas adequadas na produção de sentido. Com isso sabemos que a linguagem não é neutra, mas carregada de intencionalidades. A filosofia da linguagem, assim, busca identificar as nuances presentes entre aquilo que é expressado, seu contexto e sua intenção. A relevância da filosofia da linguagem está em descortinar o óbvio buscando compreender os verdadeiros jogos de linguagem nos diversos discursos.

PALAVRAS-CHAVE: filosofia da linguagem; discurso; retórica.

ABSTRACT

This article provides an overview of the importance of philosophy of language today, pointing out some characteristic features for the production of speech. appropriate tools for the production of meaning. With this we know that language is not neutral, but loaded with intentions. The philosophy of language, therefore, seeks to identify the nuances present between what is expressed, its context and its intention. The relevance of philosophy of language lies in uncovering the obvious, seeking to understand the true language games in different discourses.

KEY WORDS: philosophy of language; discourse; rhetoric.

¹ Mestrando em Filosofia no Mestrado Profissional em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí – UFPI.



Introdução

Imersos em uma sociedade pautada pelo acelerado desenvolvimento de novas tecnologias, vale destacar que estas nada mais, nada menos, potencializam a instituição mais antiga do ser humano: a linguagem. O ser humano possui este desejo de se comunicar desde os primórdios da humanidade, basta lembrarmos do período histórico conhecido como pré-história, onde encontramos as evidências dadas pelas pinturas rupestres, estas são formas de linguagem, onde carregam símbolos e significados repletos de interpretações e comunicam-nos algo.

Vale destacar que o próprio termo apresentado acima carrega duras críticas tendo em vista que estas imagens são históricas, portanto, taxar a pré-história como antes do aparecimento da escrita é no mínimo estranho ou forçoso. Contudo, notamos que no desenvolver da humanidade o ser humano precisou ampliar os meios de comunicação, ou seja, a sua linguagem tornou-se cada vez mais potencializada.

Na atualidade percebemos a potencialização da linguagem que se dissemina entre a maioria das pessoas, principalmente por meio do uso das redes sociais. estas tornaram-se um meio de comunicação rápido, dinâmico e interativo. Contudo basta refletirmos se esta divulgação excessiva contribui de forma positiva ou

negativa para o ser humano.

O presente trabalho está dividido nos seguintes momentos: em primeiro versamos sobre a origem e a importância da linguagem, no segundo, sobre a linguagem como um instrumento de poder, no terceiro momento apontamos os diversos espaços de construção de linguagem, no quarto, discutimos sobre a importância da filosofia da linguagem e por fim, concluímos com as considerações sobre as observações apontadas no presente artigo.

A origem e a importância da linguagem

É interessante notar que as discussões sobre a origem da linguagem são antigas, tendo em vista que existiam correntes filosóficas que versavam sobre o tema, bifurcando-se em duas: primeiro uma corrente que destacava que a linguagem era provinda por forças superiores, ou seja, uma divindade soprou na narina humana a alma, que é dotada de vida, conhecimento e portanto, carregada de linguagem.

Esta vertente é pouco usual nos tempos atuais, mas foi salientada desde os pensadores antigos. Assim, o homem não poderia ter inventado a linguagem, pois foi justamente a linguagem quem o inventou, como salienta Humbolt (1990), ao dizer que: “o homem é homem somente por meio da linguagem, ora, para inventar a linguagem, ele deveria já ser homem”.

De outro lado, observamos que a



linguagem se originou por um meio evolutivo, sendo este dividido em: onomatopeia ou convenção no primeiro caso, observa-se que o ser humano começa a imitar a natureza e após cada geração existe uma cadeia de elementos que fazem com que as palavras saiam da simplicidade das sílabas para uma complexidade de formação. Uma criança apreende as palavras iniciais a partir da silabação, sendo que começa a imitar o sibilar dos ventos, o murmúrio da água, o pipilar dos pássaros, o tilintar dos objetos etc., fazendo com que está de acordo com o seu desenvolvimento possa criar e interpretar o mundo que o rodeia. Como diz o filósofo Leibniz:

Sempre que for possível penetrar até a raiz da onomatopeia é isso que põe a descoberto a origem primeira dos vocábulos. No entanto, a maior parte das vezes, o passar do tempo e as numerosas deslocções [dos povos] fazem com que as antigas e as primitivas (nativae) significações sejam modificadas ou obscurecidas. De facto, as línguas nem surgiram ex instituto [nem], por assim dizer, foram estabelecidas por alguma lei, mas por um certo ímpeto natural nascidos dos homens que assim ajustam os sentimentos e paixões aos sons. Eu excluo [desta caracterização] as línguas artificiais [...]. (2012, p. 126-127).

De modo empírico, percebemos que o desenvolvimento do ser humano parte desta característica da imitação da realidade presente, assim como, da sua utilização para os diálogos de forma escrita, exemplo das histórias em quadrinhos em que observamos os personagens e suas conversas nos balões

carregados de expressões e onomatopeias que nos comunicam algo.

Na outra vertente, temos que a linguagem é convencional, ou seja, o ser humano inventa determinados sons que são aceitos coletivamente com o intuito de conduzir determinadas operações. A linguagem, assim, seria uma convenção a serviço do homem, para que esse possa articular seu modo de viver em um determinado lugar. Filósofo que sustenta essa tese é Wittgenstein, que em sua obra *Investigação Filosófica*, sustenta que a própria linguagem é um jogo. Ele sita a situação de um pedreiro e um servente, vejamos:

Suponha que uma ferramenta utilizada por um pedreiro na construção leva determinado sinal, uma etiqueta. Quando o pedreiro mostra o sinal (etiqueta) ao servente, este lhe traz a ferramenta que tem este sinal. É mais ou menos deste modo que um nome significa e é atribuído a uma coisa. Será bastante útil em filosofia, reiterar de quando em quando que denominar é uma operação semelhante a prender uma etiqueta a uma coisa. (WITTGENSTEIN, 1987, p.15)

Este jogo de linguagem é percebido a partir das práticas diversas do cotidiano do ser humano. Vale ressaltar dois exemplos próximos da nossa realidade: um deles é quando em período de avaliação escolar os alunos criam um código secreto (um jogo de linguagem) entre eles, em que os aplicadores não percebem, possibilitando a disseminação das respostas.



Desta feita, em uma determinada aula de filosofia os alunos começaram a espirrar, até aí nada de estranho; mas dias após os aplicadores perceberam que o surto de espirros correspondia ao nome do filósofo Nietzsche que falado de forma rápida pode ser interpretada por um espirro comum. Outro exemplo, deu-se na utilização de nomes próprios de filósofos em um aporuguesamento, tal qual o nome de Francis Bacon para Chico Toicinho. De primeira vista, os aplicadores mais uma vez não perceberam o quão esse nome foi importante para responder algumas questões na avaliação de filosofia do ensino médio.

As duas últimas teses apresentadas sobre a origem da linguagem não são contraditórias, mas possuem certa sintonia, na qual o ser humano aprende a partir do que foi produzido pelos sons externos da natureza (onomatopeia) e a convenção, onde utilizamos os jogos de linguagem. Ou seja, a partir dos sons apreendidos o ser humano usou a liberdade, a criatividade e a sua genialidade para inventar novos sons ou até combinado sons antigos.

Fato é que o ser humano não consegue produzir uma linguagem isolada dos demais, esta deve necessariamente atender a um grupo social. Essas colocações nos fazem refletir se a linguagem é um instrumento que possui neutralidade, ou já que é produzida e modificada pelo ser humano, pode carregar

algum sentido de poder? É o que analisaremos no segundo tópico de nossa pesquisa.

A linguagem como instrumento de poder

Mesmo que partíssemos da tese, que não possui muito respaldo científico na atualidade (pontuada no primeiro tópico), ou seja, de que a linguagem foi dada por um ser superior, sobrenatural e metafísico, concluiríamos que a esta é um instrumento de poder, pois foi dada por uma divindade superior ao ser humano. Mas, partindo do princípio das demais teses, de que é uma criação humana, permeada por jogos de linguagem e combinações de imitações por meio de sons onomatopéicos, é possível chegar a mesma conclusão?

Em primeiro lugar partimos do pressuposto de que toda linguagem é carregada de uma intencionalidade, ou seja, um caminho de reflexão que se quer chegar a um determinado ponto, sendo assim, a mesma não pode ser neutra. Pois a própria neutralidade é um ponto, e para direcionarmos a este, tenderíamos a racionalidade a uma condução, ou seja, a linguagem é um instrumento de poder.

Mas o que seria o poder? Encontramos no dicionário de filosofia a seguinte definição para este termo:

Reforçamos que a linguagem escrita é um instrumento de poder até quando



analisamos a construção da história, sendo que esta é dividida em pré-história e história. A primeira está desprovida da escrita, ou seja, as imagens rupestres, os vestígios de fogueira e construções primitivas foram por muito tempo taxados de a-histórico (sem história), sendo que depois da invenção da escrita é que se teve o momento da história.

A escrita foi um instrumento de poder que não foi popularizado desde a antiguidade. Basta lembrarmos de que a escrita dos povos antigos estava associada a elementos políticos e místicos, desde os egípcios antigos, onde o escriba dominava um determinado código linguístico, assim como do disseminar das tradições religiosas e políticas.

Em um primeiro momento, a partir de uma tradição oral, mais posteriormente, a partir de alguém ou de algum grupo que dominasse o código linguístico. Portanto, quem usufruía deste instrumento de certa maneira possuía uma vida distinta da dos demais, com privilégios e regalias para que pudessem disseminar o conhecimento e de certa forma imprimir na sociedade uma forma de poder. Como pontua Bakhtin, (2006, p.102):

A palavra estrangeira foi, efetivamente, o veículo da civilização, da cultura, da religião, da organização política (os sumérios em relação aos semitas babilônicos; os jaféticos em relação aos helenos; Roma, o cristianismo, em relação aos eslavos do leste, etc.). Esse grandioso papel organizador da palavra estrangeira –

palavra que transporta consigo forças e estruturas estrangeiras e que algumas vezes é encontrada por um jovem povo conquistador no território invadido de uma cultura antiga e poderosa (cultura que, então, escraviza, por assim dizer, do seu túmulo, a consciência ideológica do povo invasor) – fez com que, na consciência histórica dos povos, a palavra estrangeira se fundisse com a ideia de poder, de força, de santidade, de verdade, e obrigou a reflexão linguística a voltar-se de maneira privilegiada para seu estudo.

Muito do que sabemos sobre os povos antigos nos veio por meio da escrita, contudo, pouco se questiona sobre os interesses que fizeram com que esses povos produzissem tais textos. Perguntas como: qual a intenção do autor, qual o seu contexto, quais suas motivações internas e externas são de fundamentais importância para compreendermos que a escrita é um instrumento de poder, pois carrega uma intencionalidade.

A linguagem produzida e transmitida possui uma característica transcendental, pois está composta de três condições ou componentes, a saber: o sujeito que fala e se expressa através dessa mesma fala, o objeto do qual se é falado, sendo que este se representa por meio da palavra e por fim, o interlocutor a quem se fala, ou seja, é aquele a quem se quer transmitir uma determinada mensagem. Esse poder transcendental de afirmar os elementos de poder, quer sejam negativos ou positivos, tendo em vista que o poder é um elemento que imprime no sujeito



uma transformação.

O que se dá a partir dos jogos de linguagem em que o sujeito se insere no meio social. Não estamos apontando o termo poder como algo negativo ou positivo, mas salientando que o poder é uma forma de transformar o agente que apreende o jogo linguístico. Nas palavras de Pieper:

Ali onde o homem fale intencionalmente lisonjeando se corrompe necessariamente a palavra, e em lugar de uma autêntica comunicação se introduz algo para o que a expressão “relação de poder” é um termo muito positivo. Trata-se de algo como a tirania de um exercício de poder, não baseado em nenhuma superioridade real e a que corresponde, de um outro ponto de vista, uma dependência não fundada na realidade, que poderia se denominar “escravidão”. (p.132).

Essa relação de transformação social faz com que o ser humano aprimore e desenvolva novas ferramentas para que a linguagem possa adquirir novas nuances. Assim, por exemplo, quando o professor está em sala, notamos que uma das estratégias do mesmo é aprender o nome dos seus alunos, e até mesmo o local de sua residência, fazendo estas conjunturas que parecem à primeira vista como desprovidas de um sentido mais amplo, notamos que aqueles que são chamados pelo nome carregam uma certa carga emotiva em que se imprime uma relação de comando.

Já que a linguagem é um instrumento de poder, buscamos entender quais são os espaços em que a linguagem é desenvolvida

pelo orador.

Diversos espaços de construção da linguagem

Nos primórdios da humanidade a linguagem foi construída a partir da tradição oral e conseqüentemente nas formas de pinturas rupestres. Com o desenvolvimento das técnicas de escrita sentiu-se a necessidade de ampliar os espaços de construção da linguagem para papiros e pergaminhos, por exemplo, exemplo.

A construção da linguagem dava-se em um meio social, voltado para o tempo presente com um sentido de futuro, tendo em vista que os escritos dos antigos chegavam até as gerações posteriores. A questão é: já que a linguagem não é neutra, é carregada de poder, quais são os melhores espaços para interagir com o público, ou melhor pontuando, para convencer o interlocutor?

A mídia do século XX, rádios, tevês, revistas e jornais possuem uma característica unilateral, e utilizaram (ainda utilizam) o marketing, fazendo com que se crie no inconsciente coletivo uma necessidade. Necessidade de atender aos meios de consumo, assim, aqueles que detém os meios de produção devem apropriar-se da linguagem, pois esta é a melhor ferramenta para persuadir o interlocutor.

Parece uma tarefa fácil, mas não é, tendo em vista que é necessário forjar um



carisma, uma intencionalidade, em outros termos, uma matriz, tal qual pareça real para aquele que se deseja atingir.

A propaganda, ou o orador deve atingir uma universalidade, ou seja, o maior número de pessoas para que estes assumam uma determinada postura frente aquilo em que foi exposto. Perelman, nos ajuda a refletir quando nos diz que:

É obvio que o valor dessa unanimidade depende do número e da qualidade dos que se manifestam, sendo o limite, atingido, nessa área, pelo acordo do auditório universal. Trata-se evidentemente nesse caso, não de um fato experimentalmente provado, mas de uma universalidade e de uma unanimidade que o orador imagina, de acordo de um auditório, que deveria ser universal pois aqueles que não participam dele, por razões legítimas, não ser levados em consideração (2005, p. 35).

Deste ponto, a universalidade não existe, mas o que realmente existe é uma intencionalidade com o propósito de atingir o maior número de pessoas. Assim como exemplo, podemos citar, o relato da idade média onde a maioria das pessoas acreditavam em uma visão de que a terra seguia a ótica cristã e ptolomaica, no sentido de que era inconcebível que esta não fosse por natureza o centro do universo. Com a revolução copernicana, percebemos que o auditório inicial de Copérnico foi tratado de forma hostil, levando-o à fogueira em praça pública.

Com o passar do tempo, novas pesquisas, avanço das ciências naturais e

desprendimento da filosofia da teologia medieval, possibilitou-se a compreensão da possibilidade da existência de outros planetas fora do sistema solar, de outros universos, e assim o auditório que antes era particular, passou a tomar dimensões universais.

No caso de Copérnico percebemos uma descaracterização do orador por meio de situações radicais, mas que o mesmo começou a ser estudado a partir de suas ideias, que foram escritas dando possibilidade de estudo para seus contemporâneos e posteriores.

Este exemplo, apenas elucida inúmeros outros em que existe a necessidade de criar-se um espaço do qual exige-se um grupo que faça parte de um determinado espaço de pensamentos e ideias próprios ou dominantes, assim imprime-se uma hegemonia coletiva de pensamento. E aqueles que pensam diferente? O autor pontua que estes são os recalcitrantes e devem ser banidos do grupo, pois não fazem parte da unanimidade de pensamento.

Afinal, é a massa que manipula a mídia ou a esta manipula aquela? Fato é que a mídia em suas diversas conotações não age neutra, mesmo sendo um programa de entretenimento, este é acarretado de mensagens sutis, que direcionam aquele que assiste para determinadas formas de comportamento, consumo e modo de vida.

O auditório tem por objetivo convencer e persuadir. O primeiro termo está ligado ao



fato de que o interlocutor está convencido de determinada informação que lhe foi repassada. Exemplo, posso, assistir em um determinado programa de TV que o café faz mal à saúde pois acelera os batimentos cardíacos, contudo esta convicção não necessariamente leva a uma ação abrupta sobre o sujeito. Já a persuasão é quando o interlocutor se convence e de forma rápida muda o seu comportamento, ou adquire aquele produto de forma quase instantânea. A persuasão leva a ação.

Uma característica peculiar se dá quando analisamos os gêneros em que esta arte da persuasão se dá de forma eficiente, estamos falando do gênero conhecido como epídíctico, onde por muito tempo o mesmo foi levado como um mero estilo literário, distanciando-se de uma ferramenta filosófica que funciona como instrumento persuasivo. Este é o mais sutil de todos, e por esta sutileza carrega elementos transformadores na formação do indivíduo.

Um exemplo nos ajuda a entender o poder transformador deste gênero, quando nos remetemos as filas escolares de décadas atrás, onde os estudantes das variadas salas de aula enfileiravam-se para cantar o hino do Piauí. Para análise vamos partir do seguinte fragmento do hino:

Desbravando-te os campos distantes
Na missão do trabalho e da paz
A aventura de dois bandeirantes
A semente da pátria nos traz.

Ou seja, gerações foram internalizando tal mensagem. De um lado existiam os bandeirantes, no caso do Piauí Domingos Jorge Velho e Afonso Mafrense que foram tidos como heróis nacionais. O que se apaga e se distancia do hino é o lado da história em que os mesmos foram os maiores dizimadores de povos indígenas da região. A sua missão foi de trabalho e da paz. Mas que paz? Aliás, paz para quem? Para as famílias de indígenas que foram mortas em prol de uma expansão de terras para a criação de gado?

Sobre este gênero, Perelman destaca que:

Ao contrário da demonstração de um teorema de geometria, que estabelece de uma vez por todas um vínculo lógico entre verdades especulativas, a argumentação do discurso epídíctico se propõe a aumentar a intensidade da adesão a certos valores, sobre os quais não pairam dúvidas quando considerados isoladamente, mas que, não obstante, poderiam não prevalecer contra outros valores que viessem a entrar em conflito com eles (2005, p.56).

Desta forma este gênero apresenta-se de forma muito mais evidente em nossas vidas, contudo pela sua capacidade de esconder-se dentro de um contexto, apresentando-se como não nocivo ou sem intenção de persuadir algum, acaba tendo um efeito muito mais certo do que os demais gêneros. Imagine um professor em sala de aula anotando no quadro e fazendo referência a um livro de filosofia, onde todos os alunos devem ler. Esta situação ao invés de



aproximar os alunos da leitura, fariam que em sua grande maioria lessem a obra por obrigação. Mas se em diversos momentos “imperceptíveis” de um filme, novela, mangás aparecesse a mesma obra em momentos aparentemente desconexos, o inconsciente do indivíduo iria sendo preparado para comprar a determinada obra.

Portanto, este gênero apresenta a sua eficácia demonstrando uma grande força de convencimento, principalmente atendendo aos desejos de mercado e também imprimindo ou reforçando valores existentes. Pelo que foi apresentado, sentimos a necessidade de compreendermos a função e a importância da filosofia da linguagem enquanto ponto de reflexão crítica sobre a influência da linguagem na vida do indivíduo.

A importância da Filosofia da Linguagem

A filosofia da linguagem busca compreender a realidade existente por meio da semântica, ou seja, das representações que fazemos das coisas por meio dos discursos construídos. Assim nos ajuda a refletir o filósofo Bakhtin:

[...] faz-se necessária uma elaboração especial da história dos gêneros discursivos, que refletem de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social. Os enunciados, seus tipos, isto é, os gêneros do discurso, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e

longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos (2011, p. 269).

Tendo em vista a não neutralidade da linguagem e do discurso, sendo que até os auditórios possuem uma intencionalidade, notamos que o discurso estabelecido acaba sendo uma reprodução daquilo que já está estipulado de uma maneira hegemônica de poder. Se nos referirmos as escolas, onde as mesmas deveriam formar o sujeito para a criticidade, veremos que muitas reproduzem os status dominante, fazendo com que os estudantes sejam apenas meros reprodutores que se engajem em uma forma de sistema vigente.

Com o meio social permeado pela propaganda e imbuída de um discurso que naturaliza os valores, conceitos e a forma de ser, percebemos o quão importante é a desconstrução, ou no mínimo uma análise daquilo que foi construído. Assim, partimos das reflexões apresentadas no livro *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio* escrita pelo filósofo Michel Pêcheux. O próprio título do livro nos leva a uma reflexão do que seja o óbvio, o aparente, ou aquilo que é naturalizado. Faz pertinente o conceito de filosofia trazido pelo filósofo Paulo Ghiraldelli Junior (2011), ao dizer que a filosofia é “a desbanalização do banal”, ou seja, da obviedade, daquilo que é banal aos nossos olhos, e por ser assim não



questionamos a realidade, porque ela foi naturalizada, dogmatizada e deve ser apenas seguida sem ser questionada. Assim, Ghirdelli (2011, p. 8), pontua que:

[...] não se propõe a enxergar a mais que outros. Ela não acredita que pode alimentar vanguardas. Ela está longe de achar que a tarefa da filosofia é “tirar o véu” do real, descobrindo sua verdade, ou acreditar que pode “fabricar” o real, produzindo sua verdade. A filosofia como desbanalização do banal não procura a “realidade por detrás da ilusão”. Não há nada que se possa dizer que está atrás ou na frente. Abordamos o cotidiano como aquilo que nós vivemos corriqueiramente. Trata-se do que é mais visto e, de fato, mais conhecido entre nós. Não estamos numa Caverna. Estamos muito bem à luz do sol. Olhamos tudo e conhecemos quase tudo. Fazer filosofia, portanto, na minha acepção, não tem a ver com a atividade de uma vanguarda que enxergaria o que está abaixo ou por detrás do real, que outros não estariam vendo. No trabalho que faço, o que importa é contar uma boa história, é produzir uma boa narrativa, é contar alguma coisa sobre as nossas práticas diárias que possa ser posta na mesa, no leque das outras perspectivas que estão sendo necessariamente geradas por outros.

Os meios de comunicação exercem fundamental importância para reforçar estruturas em que o óbvio se faz presente de uma forma que alguém pode ser julgado de forma errônea ou equivocada, sendo que a sua inocência pode ser evidenciada tempos mais tarde. Imbuídos do bastião da justiça e da verdade podemos apresentar como exemplo os grandes jornais sensacionalistas que ganham audiência explorando a miséria, fome e destruição evidenciadas em algumas regiões de determinadas cidades. Cabe-se o

questionamento: estão realmente preocupados em solucionar o problema de combater a miséria, desigualdade social, criminalidade? Ou, os interesses são apenas para atender a lógica do mercado?

No livro *A miséria do Mundo* o sociólogo Pierre Bourdieu em uma pesquisa de determinado bairro, pontua que ao invés da mídia preocupar-se com o humano, ou o social estava mais preocupada em reforçar estereótipos estipulados pela mesma. Ou seja, a imprensa acaba sendo um meio reprodutor da sociedade. Assim diz Bourdieu:

Em mais de um caso nós sentimos que a pessoa interrogada aproveitava a ocasião [...] para realizar um trabalho de explicação, gratificante e doloroso ao mesmo tempo [...] e enunciar [...] experiências e reflexões há muito reservadas ou reprimidas (2003, p. 704).

Essa experiência mostra que o sujeito entrevistado conhece a particularidade de seu local de origem, representando um significado muito mais amplo e multiforme do que aquele que é designado por certo meio de comunicação. Mas como os meios de comunicação são feitos para a massa, tende-se a homogeneizar as informações, dando a entender que todos aqueles que moram em determinado local são da mesma forma, com o mesmo pensamento, e conseqüentemente com as mesmas ações sociais, quer estas sejam positivas ou negativas.

A desconstrução do óbvio é um



elemento fundante na filosofia da linguagem, tendo em vista que está vai investigar a construção do discurso, demonstrando perspectivas diversas. Nos diz Pêcheux:

Frente ao sujeito pleno identificado na interpelação da ideologia dominante burguesa, portador da evidência que faz com que cada um diga “sou eu”!, eu me apoiava em uma exterioridade radical da teoria marxista-leninista para desvendar o ponto em que o absurdo reaparece sob a evidência, determinando, assim, a possibilidade de uma espécie de pedagogia da ruptura das identificações imaginárias em que o sujeito se encontra, logo a possibilidade de uma “interpelação às avessas” atuando na prática política do proletariado (1975, p. 298-199).

Essa remodelação social expressa pelo filósofo faz com que notemos o apagamento do sujeito, onde o mesmo agora inserido deve justamente readaptar-se, reconfigurar-se e dessa maneira seguir a obviedade da vida, seguindo um ritmo de emprego, estudo, família e tradições que lhe são exteriores mais que são peças chaves para que o mesmo possa se configurar pleno na sociedade. O mecanismo ideológico que interpela o sujeito para uma ação concreta, a reprodução faz com que o sujeito apague qualquer traço ou crítica sobre essa nova construção, levando o sujeito a uma apropriação existencial única em que se firma sobre o mundo existente.

Um exemplo claro deu-se no período colonial do Brasil quando os escravos vinham de diversas regiões do continente africano. As táticas davam de formas variadas, buscando um apagamento da

memória e história dos indivíduos. Aprisionava-se pessoas de diversas regiões (com culturas, religiosidades e línguas diferentes) e ao aportarem nas terras brasileiras deveriam passar por um ritual na árvore do esquecimento. Esse ritual consistia justamente em reconfigurar o sujeito para que o mesmo não produzisse possibilidade de lembrar de sua história passada. No documentário Atlântico Negro encontramos:

Nesse lugar se encontrava a árvore do esquecimento, os escravos homens deviam dar nove voltas em torno dela, as mulheres sete voltas. Depois disso, supunha-se que os escravos perdiam a memória e esqueciam o seu passado, suas origens, sua identidade cultural para se tornarem seres sem nenhuma vontade de reagir ou de se rebelar. Que aberração! Que contradição! Na história humana alguém já viu um nagô esquecer as suas origens? A sua identidade cultural? Se ela está tão marcada em seu rosto e tão encrustada em seu coração.

É evidente que aqueles que para cá vinham não esqueciam suas tradições, mas na verdade, construíram meios para reforça-las e adaptá-las ao meio social de opressão e escravidão. Seria este o papel do filósofo da linguagem? Compreender o papel da linguagem em um sentido existencial, construído e que este elemento de poder pode ser incorporado pelo sujeito como meio de libertação?

Partindo desta premissa, verificamos que compreender a linguagem da qual estamos inseridos se faz como um instrumento útil para percebermos os meios



que nos manipulam, e também se nos apropriarmos deste, será que nos tornaremos manipuladores do meio? Seria uma via de mão dupla?

Compreendemos que na sociedade contemporânea somos almeados por diversas formas de discurso. Principalmente com a possibilidade de diálogo das redes sociais, o indivíduo passou a ser porta voz de suas ideologias, como aquele que brada seus princípios, valores e possui a capacidade reflexiva para ver, julgar e agir sobre a realidade. Mas se todos possuem esse papel, e se alcançamos a idade da racionalidade e grande expressividade por meio da linguagem, cabe a seguinte questão: quem escuta? ou seja, em uma sociedade em que todos falam, quem irá escutar e analisar o discurso?

São tarefas atribuídas ao filósofo da linguagem, que vai descortinar o óbvio levantando reflexões sobre a possibilidade de uma linguagem maior, ou seja, aquela da qual se aparece tão sutil em que assimilamos comportamentos e lógicas capitalistas. Vale ressaltar o exemplo das inteligências artificiais que afetam o nosso comportamento a partir dos produtos que nos são mostrados constantemente por meio das propagandas quando estamos fazendo pesquisa nos sites de pesquisa ou quando acessamos as redes sociais.

Temos a oportunidade de falar,

diferentemente dos meios de comunicação do século XX no qual sentávamos, escutávamos e assistíamos a programas que nos adormeciam. Na atualidade falamos e viramos consumidores compulsivos, ansiosos por informações compactadas em trinta segundos, depressivos por não conseguirmos atingir os objetivos impostos por uma pseudo padronização de beleza, conhecimento e metas. Afinal, seria o ser humano dominado pela linguagem, essa não deveria nos libertar das amarras da ignorância para conseguirmos a liberdade?

A liberdade está estampada em produtos que nos apresentam asas (compreendendo essas como símbolo de liberdade), contudo quando adquirimos esse mesmo produto, ficamos presos a financiamentos, taxas e juros.

Se em décadas atrás possuía-se a fábrica com os trabalhadores, operários, gerentes e patrões, temos hoje os colaboradores que se vêm em mesmo pé de igualdade para opinar e contribuir para o crescimento da empresa. Mascara-se a opressão, a desigualdade e retira-se até direitos que os trabalhadores possuem.

Assim, uma pessoa que trabalha por meio de um determinado aplicativo está desvinculado dos direitos trabalhistas de férias, indenização caso precise se afastar e ao mesmo tempo fica contente por “fazer” seu próprio horário e ganhar por metas que



ele mesmo estabelece. Esquece-se que os lucros obtidos são justamente para que o mesmo invista em seu aparelho de transporte, o mesmo em que está estampado o símbolo das asas, ou seja, da suposta liberdade. Como nos diz Maingueneau:

De maneira geral, o discurso publicitário contemporâneo mantém, por natureza, uma ligação privilegiada com o ethos; ele busca efetivamente persuadir ao associar os produtos que promove a um corpo em movimento, a uma maneira de habitar o mundo. Em sua própria enunciação, a publicidade pode, apoiando-se em estereótipos validados, “encarnar” o que prescreve (2008, p. 20-21).

A publicidade nos chama para o espaço da aventura e está permeada de aspectos de felicidade. Não é de forma solta e desprovida de sentido que muitos shoppings pontuam: “Bem-vindos à felicidade”. Está nos bens materiais, no consumo desenfreado. Como afirma Marx:

Se, ao contrário, está-se satisfeito com explorar um esquema já existente, adequando-o às suas próprias finalidades e demonstrando essa concepção “própria” com ajuda de exemplos isolados (por exemplo, negros e mongóis, católicos e protestantes, a Revolução Francesa etc.) – e é isto que faz o nosso fanático contra o Sagrado –, para tanto não se faz necessário nenhum conhecimento da história. O resultado de toda essa exploração torna-se necessariamente cômico; e ainda mais cômico quando se salta do passado ao presente mais imediato, tal como vimos acima, nos exemplos acerca da “obsessão” (2007, p.177).

O mundo ético é produzido pelo espaço da linguagem e este conduz o homem para exercer as suas potencialidades. Contudo a

filosofia da linguagem ajuda a perceber quais são as reais intenções daquilo que se propõe como construção de valores basilares. Não é que o filósofo da linguagem seja contra os valores, mas começa a buscar as estruturas basilares para a construção dos mesmos e pode reforçar ou desconstruir de acordo com a sua construção filosófica. Diferentemente dos demais pesquisadores o filósofo da linguagem quer entender como está se fundamenta, como é construída e quais são os jogos de linguagem que ajudaram a construir a matriz estabelecida.

Considerações finais

A filosofia da linguagem possui um papel fundamental na construção da sociedade atual, pois o ser humano está constituído de linguagem. Salientamos que a linguagem não é apenas escrita, mas toda forma simbólica de manifestação da ação humana. Tendo em vista que o corpo fala, o universo se desenvolve juntamente com os outros seres não humanos a partir de uma manifestação. O ser humano vai decodificando, interpretando e analisando todo um sistema complexo que se apresenta ao seu redor.

Contudo, a linguagem estabelecida pelo ser humano não é neutra e carrega uma intencionalidade permeada por objetivos. Esses, quando são apropriados pela lógica do sistema vigente tendem a manusear o ser



humano ao seu bel prazer. Assim, destacamos a importância da filosofia da linguagem como ponto de compreensão, crítica e reflexão sobre a linguagem que está em voga para que o sujeito esclarecido possa propor outros meios ou mesmo assumir a postura vigente de maneira consciente.

A questão fundamental é despertar a consciência para uma atitude reflexiva em um mundo permeado pela comunicação. Todos querem falar, mas quem escuta? Talvez, em uma sociedade permeada pela ansiedade, fragilidade das relações, depressão, dentre outros, notamos que o processo de escuta é de fundamental importância.

Escutar aqueles que se debruçaram sobre a filosofia da linguagem nos ajuda a perceber que existe um sentido, uma lógica por trás do sistema, e que a angústia seria não mais de sermos conduzidos cegamente, mas de observarmos a construção do mundo por meio de uma intencionalidade. Se este é o capitalismo então melhor nos angustiarmos de forma consciente tendo em vista que possamos de alguma forma mudar a realidade, partindo da principal mudança que se dá do interno para o externo.

Desta feita, fazer um passeio sobre algumas problematizações sobre a história da filosofia da linguagem, nos faz perceber que sem linguagem provavelmente o ser humano não existiria, tendo em vista que desde os

primórdios da humanidade existe comunicação.

Se atualmente possuímos as redes sociais, parece-nos que a evolução nada mais foi do que potencializarmos a invenção da comunicação, ou seja, se o homem das cavernas desenhava nas pedras, agora desenhamos nas plataformas de mídias sociais.

Os antigos buscavam dominar a linguagem e aqueles que a possuíam viviam ligados de forma mais próxima religião e a política, conseqüentemente imprimindo relações de poder para todos os demais que estavam desprovidos da linguagem.

Parece que esta lógica não se distanciou com o perpassar do tempo, tendo em vista que aqueles que assumem o poder tiveram que de certa maneira que assumir os novos auditórios de oratória para persuadir o interlocutor. Lembrando que persuadir assume um papel mais profundo do que convencer, tendo em vista que implica em uma mudança de atitude. Os meios de propaganda fornecem um convencimento prático no sujeito, que se despe do ser para tornar-se objeto de consumo e mercado.

A filosofia da linguagem ajuda a despertar para uma conscientização mais ampla de como a lógica do mercado foi construída, a quais interesses ela atende, e como esta manipula de forma significativa a vida dos indivíduos para a construção de uma



matriz capitalista. Não existe o mal em si neste sistema vigente, assim como não existe o mal na faca, o mal está no uso em que o indivíduo de forma irrefletida buscará a felicidade no excesso de consumo. Para liberta-lo a ferramenta da filosofia da linguagem se faz como ponto fundante.

Os jogos são construções que podem ser compreendidos, reestabelecidos e reformulados no sentido de desenvolvimento para uma aprendizagem significativa para o ser humano. Assim, este artigo não se esgota em si mesmo, mas possibilita reflexões que podem ser aprofundadas em momentos posteriores.

Referências

ATLÂNTICO NEGRO: na rota do Orixás. País de Origem: Brasil. Ano: 1998. Duração: 75 min. Diretor: Renato Barbieri.

BAKHTIN, M. (1953). **Gêneros do discurso.** In Bakhtin, M. Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do mundo.** Tradução Mateus S. Soares Azevedo. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

GHIRALDELLI JR., Paulo. A filosofia como desbanalização do Brasil. **Entretextos, Teresina**, 10 nov. 2011. Disponível em: <https://www.portalentretextos.com.br/index.php/post/a-filosofia-como-desbanalizacao-do-brasil> Acesso em: 20 MAI 2023.

Hino do Piauí. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/hinos-de->

[estados/126615/](https://www.lettras.mus.br/hinos-de-estados/126615/). Acesso em: 20 JUL 2023.

HUMBOLDT; Wilhelm Karl von. **Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad.** Trad. e prólogo de Ana Agud. Barcelona: Anthropos, 1990.

LEIBNIZ, G. W. Breve plano das reflexões sobre as origens dos povos traçado principalmente a partir das indicações [contidas] nas línguas. In: **Kairos Revista de Filosofia & Ciência** (Universidade de Lisboa), n. 4, 2012, pp. 119-149.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas.** São Paulo: Boitempo, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **A propósito do ethos.** Ethos discursivo. São Paulo: Contexto, 2008.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas, Editora da Unicamp, 1995.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PIEPER, JOSEF. **Missbrauch der Sprache – Missbrauch der Macht.** Werke, Herausgegeben von Berthold Wald. Hamburg: Felix Meiner Verlag, volume 6. páginas 132-151.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tratado Lógico Filosófico e Investigações Filosóficas.** Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.